N.º 3

Preço — 50 RÉIS

COLABORADORES

A. A. Cortesão, Afonso Duarte, Afonso Lopes Vieira, Ânjelo Vaz, Antero de Figueiredo, António Carneiro, António Correia de Oliveira, António Sérjio, Augusto Casemiro, Augusto Gil, Beatriz Pinheiro, Carlos de Lemos, Cervantes de Haro, Correia Días, Cruz Andrade, Cristiano de Carvalho, Fausto Guedes, Fidelino de Figueiredo, Jaime Cortesão, Januário Leite, João Augusto Ribeiro, João de Barros, João Correia de Oliveira, João de Deus Ramos, João da Silva Figueiredo, José Augusto de Castro, José Caldas, José Pereira de Sampaio (Bruno), José Teixeira Rego, Júlio Brandão, Júlio Ramos, Leonardo Coimbra, Lopes de Oliveira, Luís Felipe, M. Cardoso Marta, Maria de Castro, Mário Beirão, Miguel de Unamuno, Rafael Ânjelo, Raul Proença, Sanches de Castro, Sousa Costa, Teixeira de Pascoais, Veiga Simões, Verjílio Ferreira, etc.

Director e proprietário — ÁLVARO PINTO

Editor e administrador — TÉRCIO MIRANDA

Redacção e administração

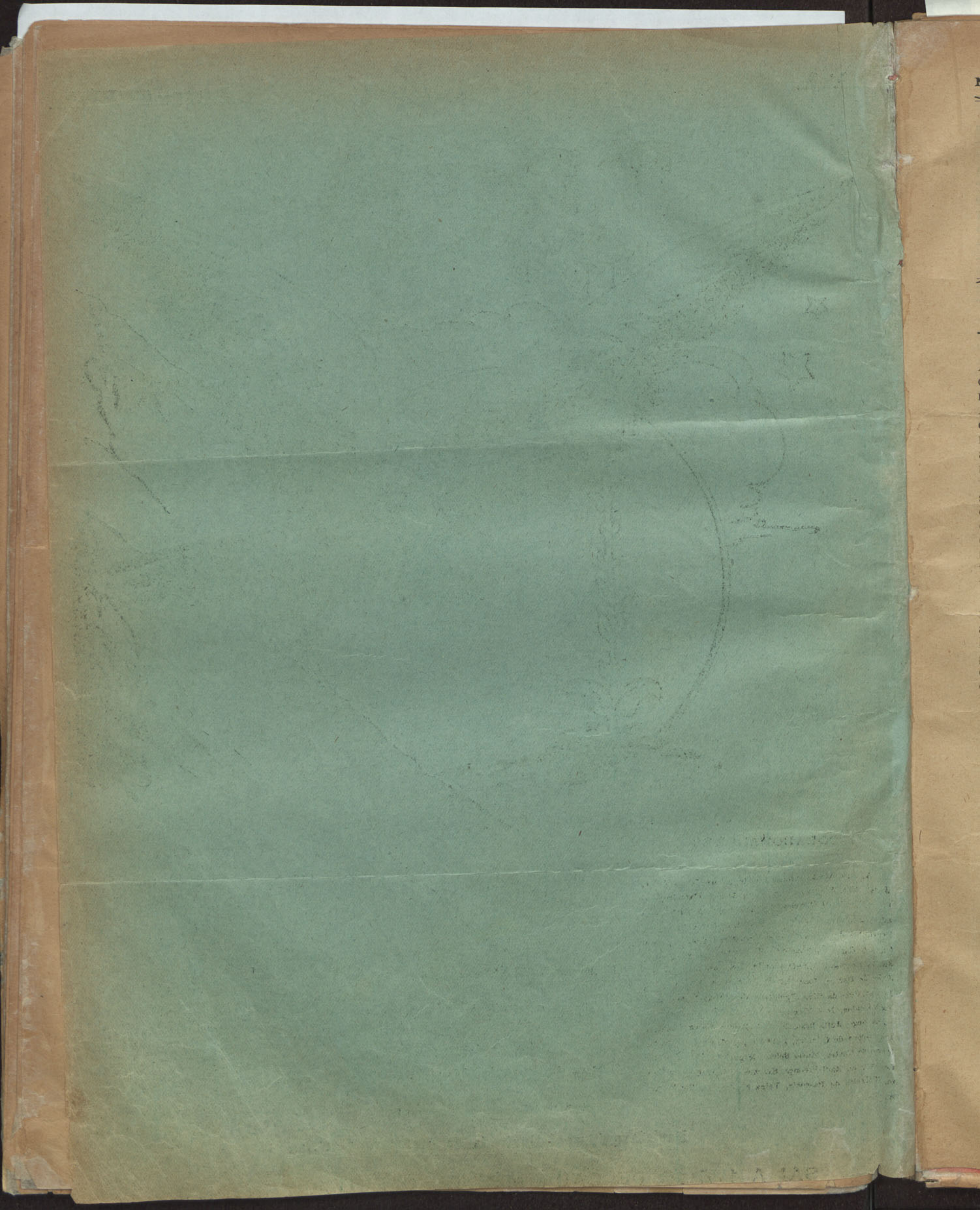
Rua da Alegria, 218 — PORTO

Porto - Tip. da Empreza Guedes - Rua Formosa, 24

SUMÁRIO

Revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica

SAI A 1 E 15 DE CADA MÊS E SÓ PUBLICA INÉDITOS

N.º 3 — 1.ª Série | Porto, 1 de Janeiro | Ano I — 1911

A ÁGUIA

REVISTA QUINZENAL

Director e proprietário, ÁLVARO PINTO
Editor e administrador, TÉRCIO MIRANDA

Preço do número — 50 rs.

Assinatura — 10 números, 500 rs.

Redacção e administração
Rua da Alegria, 218 — Porto.

Composto e impresso na Tipografia da Empreza Guedes, R. Formosa, 244-Porto.

Natal e novo anno

A vida helenica era facil, harmoniosa e agil. A inocencia das suas almas desprevenidas prendia os gregos, com lucidos e claros olhos, na admiração da Natureza. A Natureza era bela e simples. A proporção e a harmonia eram a sua lei. Eles eram fortes e aventureiros. Com facilidade a dominaram. D'ahi uma intimidade, um equilibrio amigo entre o homem e a Natureza. Leis humanas governam todo o mundo. Este é o desenvolvimento natural da inteligencia. Sempre os gregos são intelectualistas, e o seu intelectualismo procura sempre fórmas vivas e esplendidas, que o encarnem. O seu determinismo é mais psicologico que fisico, mas a sua psicologia é humana e serena. Apenas o *Destino* guarda um pouco do Misterio e, por isso, só o Destino causa e justifica a tragedia grega.

O cristianismo nasce d'um movimento de profundidade. O homem desceu ao abismo da sua alma e viu a face d'uma nova vida. O antigo equilibrio entre o espirito e o mundo quebra-se e ergue-se o espirito em frente do mundo. E, embora o cristianismo fosse logo afogado na onda do intelectualismo helenico, essa erupção da vida imediata fremente e invasôra tem-se prolongado até hoje e promete sêr imortal. O reino do espirito aspira á realidade plena e gloriosa. Esse irracionalismo [1], quer diser *essa nova realidade incomensuravel com os conceitos existentes*, foi iludido pelo intelectualismo ameaçado, que vestiu em dogmas e fórmulas racionaes o *inedito*, o *novo*, o *imediato*.

Sob o dominio do intelectualismo mais uma vez ficou a *liberdade*. Assim o Espirito, que surge no arranco de fazer do cosmos um reino espiritual, é ludibriado e fica ainda sob o dominio do cosmos, que se lhe opõe e o nega.

E é curioso o processo de que o intelectualismo se serve — o dos invisiveis. Transposto o reino do espirito para fóra *d'este* mundo, vencido estava o *irracionalismo*, que *d'este mundo* queria fazer o reino espiritual. O motivo inicial do cristianismo foi apagado e esquecido; e, curioso mas necessario facto, volvido o cristianismo, *movimento de profundidade, irracional*, em doutrina intelectualista e imobilista. E' o mobilismo da vida, continuamente creadora, que rasga a explosão do cristianismo. E é o imobilismo classico que o recebe e, integrando-o na tradição, o deforma e inutilisa.

O seu sentido original é cosmico, o seu destino original é cosmico; pois sentido e destino classico ignoram, despresam o cosmos.

O cristianismo é uma visão cosmica mais profunda que o paganismo. O paganismo fica pelo descriptivo dramatico da natureza. Aqui e além aflóra incompletamente o tragico [2]. O cristianismo é a exuberancia da vida interior, o vulcanismo do espirito, o abrir de amorosos olhos na noite do espaço e anciosamente procurar a voz e o coração do Mundo. E' então que o homem se ergue e proclama a virtude. E' então que o homem lucta e decreta a *criação* da virtude. Eis a *liberdade!* [3] Ela só entra na vida pela porta do irracionalismo. Ela é a *criação*, nunca a poderá definir o já *criado*. Por isso a necessidade é obra do intelectualismo.

O intelectualismo define cada sêr, fenomeno ou

SONETO

Na mão de Deus, na sua mão direita

QUENTAL.

Cuando, Señor, nos besas con tu beso
que nos quita el aliento, el de la muerte,
el corazón bajo el aprieto fuerte
de tu mano derecha queda opreso.

I en tu izquierda, rendida por su peso
quedando la cabeza, á que revierte
el sueño eterno, aun lucha por cojerte
al disiparse su angustiado seso.

Al corazón sobre tu pecho pones
y como en dulce cuna alli reposa
lejos del recio mar de las pasiones,

mientras la mente, libre de la losa
del pensamiento, fuente de ilusiones,
duerme al sol en tu mano poderosa.

19-IX-10.

Miguel de Unamuno

cousa em funcção dos outros sêres. De fórma que nada diz do modo intrinseco dos sêres, mas sómente das suas relações exteriores. Nos sistemas isolados cientificamente são introduzidas certas qualidades originaes inexplicadas, e, quando se quer a explicação d'essas qualidades, recorre-se á definição em funcção de novas realidades exteriores.

Assim, com o recurso ao infinito, se ilude a dificuldade e se garante o intelectualismo.

As fórmas filosoficas do intelectualismo são o mecanismo e o positivismo. O materialismo, reduz-se, já o demonstramos em trabalhos anteriores, ao positivismo ou ao mecanismo. O positivismo faz do Mundo uma mescla incritica de determinismos—determinismo mecanico, fisico, quimico, biologico e sociologico. O mecanismo reduz tudo ao determinismo mecanico. A ambos aproveita a discussão acima feita. Em nenhum cabe o mobilismo concreto da vida. Para o segundo acresce a redução ao absurdo pelo epifenomenismo da consciencia. *Filhos do mesmo vicio intelectualista*, eles testinham com o dogmatismo religioso a sua comum herança do pensamento helenico.

Como já dissemos, a erupção espiritual do cristianismo não morreu, apesar de afogada pelo classicismo intelectualista. As duas correntes vieram pela historia fóra—uma brilhante e aristocrata, outra apagada e humilde, criando sempre riquesa espiritual, estendendo sempre os dominios do coração e da virtude.

O irracionalismo, por vezes, irrompe mesmo dentro da Igreja e dá Francisco d'Assis, S. Teresa etc. As duas corentes encontram-se e procuram um equilibrio movel no mais opulento de todos os filosofos, em Kant. O mundo fenomenal é obra do entendimento e da sensibilidade. A espontaneidade d'aquele domina a receptividade d'esta. O mundo é obra da Razão edificando sobre a sensibilidade. Este modo de Kant, exagerado e separado da sua filosofia moral, leva ao panlogismo de Hegel—*maximum* da especulação intelectualista.

O mundo fenomenal é, em Kant, integrado no mundo noumenal pelos postulados da rasão pratica. E a rasão pratica parte d'um *dado irredutivel* e *incontestavel*—a presença do facto moral. E' o irracionalismo vencendo e impondo como maior valôr—a Criação, a Liberdade. O moderno mobilismo creacionista do paradoxal [4] Bergson continua o movimento irracionalista chegado até Kant, e eleva-o a novas riquesas, a mais amplos horisontes.

A Liberdade é o dado imediato—a duração concreta. O noumeno de Kant é aqui a apresentação imediata; o fenomeno a representação mediata. Apresentação imediata—duração concreta. Representação mediata—duração refractada pelo espaço. O mobilismo tem tambem um representante especial e superior em J. Jaurés. N'este o mobilismo tem a fórma d'uma Rasão absoluta, porque é o mobilismo divino—é Deus que se faz uma infinita actividade de amôr e por isso põe o mal para eternamente o vencer. E' Deus o supremo e o perfeito heroi.

Qual é então o verdadeiro sentido do cristianismo? *E' a Liberdade.* Está fóra do catolicismo e de todos os reformismos. Está actualmente na grande corrente bergsoniana do pensamento humano e está em todas as obras de amôr, que criem ou augmentem os dominios do Espirito. A conservação d'um Reino Espiritual envolvendo e interiorisando o cosmos é o sentido original do cristianismo. O bailarino Zaratustra saltava, por cima de Moral, para o mar imenso e profundo da Vida. Muito bem. Sómente o bailarino Zaratusra era ainda bovinamente burguez, imbecilmente escravo do passado. Esperava o «Retour Eternel» [5]. O pobre Zaratustra era um impotente—não podia, não sabia e acabava por não querer criar.

Pois nós, herdeiros do verdadeiro cristianismo, temos o fremito dionisiaco, não da primavera que *volta*, mas da vida que *nasce* [6] e se expande gloriosa e exuberante pelo espaço, pelos mundos, pela vastidão do cosmos. E essa expansão da vida nova é o Amôr. O Amôr cosmico, o amôr perfeito, sem egoismos nem exclusões. O Reino espiritual existe na virtualidade do nosso podêr creadôr. Ele existirá na efectividade das nossas obras de ternura e bondade. Natal? Natal contínuo e permanente de vida *nova* a sangrar dedicação, a estremecêr de afectos! Novo anno? A Terra em novas paragens do cosmos a aquecer e á iluminar o Universo com as fulgurações do *novo* homem, interprete de Deus, fecundadôr da vida!

Leonardo Coimbra

---

[1] Irracionalismo opõe-se a intelectualismo. O segundo mede a Vida com a inteligencia. O primeiro declara a vida incomensuravel com qualquer sistema de conceitos. Para o intelectualismo a realidade é o objectivo cientifico. Para o irracionalismo a realidade é a ação criadôra; por isso conceitos, fórmulas, simbolos, etc., não são cousas intangiveis, mas sómente valores cujo sentido a Vida garante, afirma e justifica.

[2] O tragico grego está na fatalidade inflexivel. O desconhecimento do destino permite os presagios, a inflexibilidade do destino esmaga o homem. E' o afloramento do pessimismo nas almas juvenis e robustas. Mas a verdadeira tragedia começa com o cristianismo. Só com este aparece a duvida. O destino humano é estranho ao destino cosmico? E' superior? Domina-o? Eis o problema dos valores. Com o cristianismo nasce a verdadeira tragedia—a tragedia shakespeariana «to be or not to be...»

[3] Só o irracionalismo garante a liberdade. Se a vida *excede* todos os conceitos *porque os cria*, como póde o intelectualismo abranger e limitar a vida? O irracionalismo é a propria liberdade criando conceitos e simbolos novos, mas incessantemente, sem repetição nem descanço.

[4] Bergson é o mais paradoxal artista e o mais profundo filosofo. Paradoxal, porque consegue dar o mobilismo em termos do imobilismo. Profundo, porque faz uma nova e colossal elaboração das aspirações irracionalistas.

[5] Nietzsche é uma sensibilidade excepcional. Todas as duvidas e tormentos da época o movem em delirio. A sua filosofia é uma auto-terapeutica. E', por isso, ocasional e genialmente insensata. Ele é romantico e classico; pretendendo ser irracionalista (ir além do bem e do mal...) ele é requintadamente intelectualista. O super-homem padece do mais pleben de todos os vicios—o do racionalismo. Reduz o mundo ao atomismo (o mais gregario, velho e banal dos sistemas) e ele, o deprezadôr, o altivo, o *criador dos valores?!!* aguarda a eterna repetição da mesma monotonia, *alegre á força de loucura*.

[6] O passado não é desprezado, entra em novas sinteses. O irracionalismo é a vida espiritual, que procura, resolvendo antinomias e contradições, caminhar para maior harmonia e riqueza. O intelectualismo reduz o tempo a um eterno presente, á inercia dos conceitos. O irracionalismo integra o mundo dos conceitos no mobilismo concreto da vida. O problema do Infinito põe-se por inteiro a cada ser (Jaurés).

O GRILLO E O CANARIO

(FABULA)

Á janella, para alegrar
A frontaria d'um modesto lar,
Uma senhora
Tinha um canario mais um grillo.
E pleno dia, quando o sol brilhava,
O canario cantava
Que era um encanto ouvil-o.
Mas o outro cantor,
Como se tambem fôra
Músico de valor,
Impertinente
Repetia continuamente
O seu monótono e ruidoso trillo.

Aconteceu, porém,
Que se travaram de razões
O grillo e o canario.
E diz este (solémne, como quem,
Tendo firmes as suas convicções,
Já lhe sobrasse a paciencia
Para calar, prudente ou temerario,
O que sentia em sua consciencia):
«Porque motivo
«Insistes n'esse teu canto enfadonho,
«Onde não ha palpitação d'um sonho,
«Nenhum génio inventivo?!
«Aqui de perto
«Eu canto. E não te basta
«Ouvir-me a mim cantar?
«Pois não é certo
«Que a melodia é vasta
«E variada a fórma de gorgear?»

O grillo ouviu, ouviu...
Reflectiu,
E respondeu depois:

«Tudo no mundo tem razão de ser,
«Se cada qual occupa o seu logar;
«Entre nós dois,
«Só ha que ver
«Que não se está onde se deve estar.

«Cantasses tu em plena liberdade,
«Na rama d'uma arvore subida,
«Era maior a tua magestade
«E mais alegre a tua vida!»

Por minha parte
(Sem nenhuma vaidade pessoal,
«Que eu não consegui nunca fazer arte)
«Sempre direi que não ficava mal,
«Lá pelos campos d'onde vim,
«Este meu canto, repetido, igual,
«Este meu canto tal e qual assim
«Que apenas val'
«Pelo que diz de mim!»

Tinha razão o grillo. Com effeito,
A vida é, no conjunto, uma harmonia,
Em que a verdade é Deus, uno e perfeito.
Toda a expressão da natureza é bella!
E toda ella,
Quando não fôr,
Nem poder ser motivo de alegria,
Que ao menos sirva a compensar na dôr.

Pois que, de resto, o mal,
Principal
Só existe
E consiste
Em alterar a ordem natural.

João de Deus Ramos

A PARTIDA

(CONTO DO NATAL)

Era a hora passiva em que a luz coalha-se no accaso.

Rebrilhavam, em ultimos lampejos, cópas lustrosas d'arvores e aguas adormecidas; mas do céu, já á pressa estrellado, descia a sombra da noite.

Nevoas diaphanas enrolavam-se, em espuma, nos outeiros pedregosos de onde atropeladas cabras vinham descendo aos saltos.

Cigarras esfusiavam nas amendoeiras.

Pelos caminhos esbarrondados, em aspero acclive, beirando grotas espontadas de cardos, cantaro ao hombro, as tunicas arrepanhadas á cinta, desfilavam donzellas conversando e rindo.

Juntas, em passo miudo, trepidando nas pedras, com um cheiro de suarda e de silvas, passavam nas trilhas ovelhas em rebanhos. Um rude e mazorro pastor seguia-as cabisbaixo.

Esbatiam-se as nuvens de ouro quando José e Maria appareceram no limiar da casa promptos para a longa jornada, por valles e montanhas, em direcção á terra farta de Bethleem onde iam cumprir a lei de Augusto.

Fechada a porta ainda demoraram um instante sob a vinha, contidos pela saudade.

O homem, por fim, decidiu-se, tomou a frente, vagaroso, pensativo e logo, limpando os olhos que as lagrimas nublavam, a donzella seguiu.

Elle grisalho, alto, robusto, ainda que um tanto curvado pelo pendor constante em que vivia, sempre inclinado sobre o lenho do officio, falquejando-o, acepilhando-o, dando-lhe fórma e lustro. Ella, mean de altura, fina e fragil.

Suavemente morena, os olhos grandes e tristes eram dum limpido verde d'agua, e como dois lagos purissimos num areal, ao sol; e os cabellos, escapando-se do cairel do manto, punham-lhe na fronte uma frisa de ouro.

Mal se lhe adivinhava o collo abotoado.

Os pés, alvos e pequeninos, assentavam em sandalias e toda a sua riqueza consistia em um par de braceletes de marfim que lhe cingiam graciosamente os pulsos finos.

Trilhando a estrada que ia ter á fonte e seguia direita aos campos, paravam para falar ás moças, companheiras e amigas de Maria, para corresponder á saudação dos homens, para attender ás crianças que deixavam os seixos tomando-lhes o passo, pedindo que lhes trouxessem das terras de além conchas, como as de Ascalon, que conservam no bojo o soluço das ondas.

E Maria, commovida, chorava sobre o sorriso.

Os campos toldavam-se de bruma e as oliveiras de pallida folhagem diziam no recosto das collinas como estendaes de nevoa.

Ainda havia quem trabalhasse a leira na ancia do fruto. Chiava um carro de lavoura, o guieiro afalava aos bois animando-os no lance abrupto de uma rampa.

Chegando ao planalto esteril, que dominava os horizontes e onde o vento zunia, os viajantes

fizeram uma parada olhando em redor o redente dos montes.

Lá ficava Nazareth no valle feliz, com o seu casario, em cubos brancos, com um pacifico rebanho adormecido.

Ao longe tudo era carregado e lugubre.

A noite chegava primeiro ás alturas.

Isolado, com a lua pairando acima do seu viso, o Thabor era como um peito de gigante de onde houvesse espirrado aquella gotta de leite.

Maria ignorava o mundo. Nunca houvera passado além da fronteira da terra natal. Alongando os olhos pela vastidão que a vista alcançava, montes, varzeas, esplanados desertos tristes, sentia-se mesquinha e com medo.

Voltou-se, ainda uma vez, para olhar o tranquillo recanto em que sempre vivera em pobreza e virtude. Mas a noite baixára; raros lumes picavam a tréva. Ouvia-se vago murmurio, como escachôo d'aguas, subindo do fundo obscuro onde jazia a cidade. Sahiu-lhe do coração um suspiro maguado:

— Onde fica Bethleem? — José levantou o braço e estendia o cajado na direcção de David, quando uma estrella fulgurou, illuminando radiosamente o ceu profundo.

— Ali! disse o patriarcha, numa voz que tremia, comprehendendo, maravilhado, que aquelle astro surgira dentro da noite como uma resposta de Deus á moça predestinada.

(Do livro MYSTERIO DO NATAL, a sair brevemente, editado pela Livraria Chardron, de Lello & Irmão — Porto.)

MÃE

No silencio pequenino e suáve daquele crepusculo de primavéra o luar começava a diluír-se na sombra nascente, numa chuva de camelias brancas tombando devagarinho do ceu alto e palido.

E pela rama dos pinheiros, no ondeiante perfume da seiva moça e viva, andava o luar estendendo caladamente e de mansinho a sua teia branca de lirios para prender os sonhos no encanto da noite.

Ouvia-se o pulsar doce e ritmico, no silencio e na sombra, nos ceus e no ar puro, nas fórmas quietas e por sobre o horizonte de encanto, — o ritmico e doce pulsar do coração da Terra.

E tudo respirava religiosidade e extase por aquele crepusculo divino.

Naquelas duas almas, naquela alma extasiada e religiosa que os envolvia a ambos numa caricia, e os banhava em luz de aparição divina, — como num hostiario precioso repousava toda a ternura daquele anoitecer — e ela éra a expressão exaltada e inefavel da Beleza de tudo, do Silencio e do luar, e do ceu macio em que as estrelas iam florindo, sobre a sombra de veludo que cerrava as palpebras suáves nas espessuras, além.

Pelo campo fóra, em espirituaes romarias, como almas, esfumando-se na doçura da noite que descia carinhosa e mansa, os choupos seguiam de mãos postas, em rosarios lentos...

E para o poente via-se, por entre a nitidez dos perfis vegetaes que dominavam o horisonte escuro o ceu de oiro, dum oiro de relicario antigo...

* * *

Hora de revelação e extase em que o amor floresce de mansinho seu olhar de misterio sôbre paizagens de almas, transfigurando e animisando tudo em maravilhas de sentir e piedade...

Hora religiosa e reveladora quando as fórmas se tornam transparentes, para que os olhos da nossa Alma vejam as infinitas almas silenciosas e irmãs...

Hora de iniciação e de misterio... Limiar dum outro Mundo, rumorosa e encantada praia dum Mar Alto longinquo por onde vaguearam os olhos das sibilas, e em cujo seio dormem como pérolas desconhecidas as lagrimas dos Poetas...

Hora em que as almas se confundem na sua piedosa unidade, e em que os intimos olhos se perdem numa visão indefinivel e distante, e em nós se escuta, para além de tudo, um misterioso buzio murmurando...

E aquelas duas fórmas confundidas que respiravam ternura pareciam diafanas, duma luminosidade inefavel de alma subindo ao ceu.

E as coisas viam passar aquele Amor e sorriam...

Que o seu sentir desconhecido é como o das almas.

E era a sua propria alma, num clarão longínquo e vago, seu íntimo sentir e ignorada beleza, que passavam...

Nos olhos das coisas palpitava um enternecimento...

Porisso o luar era mais claro e mais divino o encanto da noite silenciosa.

Ficava longe o pinheiral agora, mergulhado na sombra que o luar semeara de fantasticas arquitéturas de sonho. Aquela arvore, curvada sobre o caminho, abençoando num gesto acolhedor e meigo, que os vira um dia abraçados, inclinara-se quando passaram juntinhos...

Depois dois olhares, azas alventes da mesma Alma, no mesmo enternecimento ergueram-se para o ceu...

O olhar de Ele voltou e ficou contemplando-a...

«— Aldebaran, sobre o horisonte — além...

«— Deixa-te estar assim... — (Ela sorria olhando o ceu...)

Como é lindo o luar sobre o teu rosto!...

Como tu és linda, como tu és egualsinha á tua Alma!...»

E o extase divino suspendeu-se porque duas bocas se beijaram como dois raios de luz...

* * *

«— Tive um sonho, sabes? Muito lindo, heide contar-t'o, queria contar-t'o, meu Amor... Heide dizê-lo ao meu Amor um dia...»

Perto avançava alguem... Eles calaram-se, muito conchegadinhos, a escutar o coração.

Na recurva da azinhaga os passos suspenderam-se. E uma sombra ficou olhando, a abençoa-los talvez...

E ela tornou docemente:

«— Heide contar-t'o...»

Ficava esperando e sorria...

«— E' tam bom sonhar assim... Eu tenho tantos sonhos lindos dês que te tenho, meu Amor...

Dantes... Dantes...»

E na sua Alma uma voz dizia o pezadêlo morto daquella esperança do que desconhecia, na antevisão vaga daquela ventura e daquele bom Amor...

Era uma Alma sósinha em que a Mulher desperta adivinhava o Amor sem o saber...

Um sonhar encantos desconhecidos, um acariciar inefavel, uma aspiração de ternura, na sêde imensa de se perder noutra Alma, sua irmãsinha e sua filha, para que ela dormisse no seu regaço de Mãe...

E o desespêro sem causa, as crises de lagrimas que a deixavam surprêza, a amargura de tantos dias a sentir-se sósinha quando a sua Alma anceava por uma companheira...

Depois sobre a névoa daquele anceio de virgem que para o Amor florira, — o desánimo inerte, a indiferença de tudo, resignada e fria, saúdosa do ceu, mortinha por deixar a Vida, — que só no ceu talvez se completaria a sua Alma de orfã...

E era o sacrificio belo da virgem bela, da Alma perfeita que sonhara o Amor uma perfeição divina e que, sem o poder realizar na terra, — para além das lagrimas e para além da morte confiava realizá-la no ceu...

Toda a ternura daquela alma floria apenas na piedosa emoção em que a Beleza a envolvia, — a Beleza que os Poetas arrancavam ao misterio, em dôces clarões que tinham o brilho das lagrimas, e o tom consolador e profético duma Vida nova iluminando o Futuro...

Aqueles dois livros queridos eram os seus evangelhos, eram os labios que diziam o intraduzivel da sua Alma, que a embalavam carinhosamente, e os olhos comovidos que a deixavam advinhar Deus...

«A névoa, elevação de espirito amoroso...»

E, no segredo da sua Alma, o desejado era o Poeta, a Alma igualzinha e piedosa, inquieta e sedenta de Beleza, num corpo são e casto...

E o Poeta que a esperava ha tanto tempo e a procurava sentindo-a em si desde o primeiro balbuciar da sua Alma, — um dia veio, — e tomou nos seus braços maternaes aquela Alma sedenta de Amor...

E o tempo, a visão do passado, a visão duma ausencia que desde o principio não existira entre aquelas duas almas, fundiu-se num deslumbramento...

E o seu Amor foi um deslumbramento...

* * *

«— Olha, escuta, — pequenino, meu Amor...

Lembro-me tam bem, vejo-o tam lindo, sinto-o tam perfeitinho dentro da minha Alma!... Que bom sonhar assim! E tu estavas longe, e eu sentia-te tanto na ventura do nosso Amor e na amargura da minha saúdade! Quando se chora muito a dizer baixinho a propria ventura, resando-a, — que as lagrimas são as palavras resadas da nossa Alma, não são? — e se adormece a gente sorrindo, com os olhos frios sob a caricia das lagrimas, — sonham-se sonhos assim, não é?

...Sonham-se...

— Que lindo sonho a nossa Vida, Amor!...

— Era um pequenino, muito lindo, devia ter dois annos... Ele era tam pequenino!... E muito branco, dum branco purinho de alvorada, preto o cabelinho macio, em anneisinhos sobre uns olhos suaves, contentinhos e claros, eguaisinhos aos teus...

Eu chamava-lhe meu filhinho, e abraçava-o com doçura sobre o nosso coração. E os seus bracinhos brancos cingiam o meu pescoço...

Olha: — lembrava-me os teus abraços, — meu amor... e quando o beijava nos olhos, na bocca rosada e pequenina ou sobre os cabelos, era como se te beijasse, — minha Vida.

E quando ficava a olhá-lo, esquecidinha e contente, tendo-o no meu regaço, olhos nos olhos, muito caladinhos ambos, — era como se olhasse os teus olhos, — minha alma.

Não me lembro de mais nada... Ele era tam lindo, tam egualsinho ao nosso amor! E, desde então, sempre, a todos os momentos te vejo e a ele, confundidos, eguaesinhos...

E é um carinho novo, uma ternura mais dôce, um desespêro vão de dizer toda a minha alma sabendo somente chorar na doce ventura indefinivel e profunda...

Tenho saudades, sabes?

Quando tu me beijas (e a sua voz tornou-se mais pequenina, mais lenta, devagarinho, como se se ouvisse dentro da propria alma), quando tu me beijas a visão levanta-se, mais perfeita e purinha, eu vejo-o em mim mesmo, sinto-o nos meus labios, sinto-o no meu corpo, e sôfro, sôfro uma ventura que me envolve toda e que eu não sei dizer-te, — como um céu abrindo-se, um céu de encanto em que se nos mostrasse Deus...»

E devagarinho a sua cabeça descançou sobre o peito de Ele... E o luar brilhava, mais lindo e mais de prata, nos olhos iluminados de lagrimas.

Ele abraçava-a com doçura, maternalmente... E os braços que a cingiam não os sentia como do seu corpo, — eram como azas, como nevoa subindo, tinham a suavidade e o carinhoso ondeio da luz do sol tateando flores...

E do seu corpo que a emoção levantava num vôo de lagrimas, daqueles dois corpos extasiádos, de alma, como dum ninho sob os olhos claros da Vida, aureolando-os, transfigurando-os divinamente, evolava-se um luar mais puro, — halito de lirios, claridade de prece, olhar de Deus...

E a noite era mais linda, mais doce o brilho das estrellas, e no silencio, e sobre as coisas encantadas, o luar era uma alma estendendo suas azas de arminho e misterio sobre a Terra adormecida no regaço imenso e silencioso da Noite.

Agosto — Setembro, 1910.

Rafael Angelo.

(Desenhos de Correia Dias.)

PRIMAVERA

A MANOEL LARANJEIRA

I

Ó Primavera!
Como um grito que nasce, e um beijo que se espera
Sobes a pouco e pouco ao nosso coração.
Viver é tudo:—ser uma flor em botão
E saber que amanhã, morto o perfume e a côr,
Se ergue um fructo a córar ao Sol e ao calor
—Que mais pode sonhar a alma insatisfeita?
Olha: os gestos d'amor são gestos de colheita
E a vida não é só mentira ou illusão.
E assim—porque duvidas
Alma inquieta afiando as garras insoffridas
Contra o proprio destino?
Arquêa-te de fé um desejo divino:
Ver a flor do teu sonho e da tua energia
Fructificar, ser uma presa de alegria
Para quem só aprende a soffrer e a chorar!
Hoje és perfume e côr; e apenas os amantes
Enlaçarão talvez á fuga dos instantes
O que lhes diz a tua graça fugitiva.
Mas a força que em ti vive occulta e captiva
Quér ser profunda e grande
Quér vencer e crear—
Quér ser a seiva que palpita e que se expande
Nos pomos d'oiro das vergeis que vão florir,
Quér ser mordida pela ancia do porvir,
Dessedentar a bôcca nova dos heroes,
E maior de que os astros e os pharoes
A que estendem as mãos de supplica e d'inveja
O cansaço e a dor
Não quér ser luz—mas ser a carne e o sabor
Que se colhe e se prende, e reconforta e beija!

II

Por isso, agora,
Vive o encanto do mez, a doçura da hora
O céo azul, o mar azul, o Sol, o vento
—Gesto amoravel que espalhou a sementeira!
Respirar é beber o amor da terra inteira,
Tanto pollen vem a pairar, a vibrar
Na agitação do Ar!
Ar de promessa, ar de renascimento,
Ar que embebeda, ar que é o amor de quem não ame,
Enxame
De germens novos para as leiras e o pomar.
Ah! como o sinto bem no meu peito profundo,
Como dentro de mim criou um novo mundo
N'um raiar de alvorada!
O que era a minha vida? Uma ambição parada
Enregelada pelo Inverno.
Hoje disperta como as arvores e as plantas:
Alma viril, o grande sonho que tu cantas
É forte e moço—e eterno!

... Mas quando a noite desce e entorpece o ruido,
E traz mysterio ao ambiente enlanguescido,
Sinto em volta de mim o vôo doce e lento
D'um corpo de mulher.
Uma onda sensual desfaz-se ao meu ouvido,
Ha uma bocca exul que me procura e quér.
Alguem me beija, alguem me abraça
—São os beijos d'Aglaya, os braços de Leonía?
Dize:—trazem-te o medo, o silencio, a agonia
Da luxuria que fere ainda quando passa?
Ou é outra mulher, que tu nunca previste,
Mais que nenhuma—alegre, e mais que as outras—triste,
Mais que nenhuma tua amante e tua irmã?
Que importa?—Cede todo o passageiro instante
Á caricia que foge e é somente illusão.
Deixa a volupia alucinar-te o coração
E que os beijos, florindo o teu sonho impaciente,
Sejam como n'um tronco as rosas de toucar.
É Maio que te ensina a rir e a cantar,
E a dar aos beijos sua graça adolescente.
Ó minha alma, vive o minuto presente,
Não o deixes fugir, não o deixes voar
Sem ter roubado ás suas azas anciosas
O fremito que as fez subir e palpitar...
Vive o explendor de luz, a frescura das rosas,
Toda esta paz, esta doçura, esta anciedade,
A tua espr'ança, a tua mocidade!
—Para que um dia
—Arvore a batalhar, sósinha, na invernia
Contra a nevoa sem côr e as almas sem chymera—
O teu sonho de orgulho e de alegria
Traga em seus ramos, para a Terra que os espera,
Com os fructos do Outomno, o amor da Primavera!

Foz, Maio, 1910.

OS NOSSOS INQUÉRITOS

A arte é social?

III

A arte bem póde querer escapar a ter uma influencia social, ella há-de tê-la, bôa ou má, quer queira quer não, porque está isso na sua natureza. E tê-la-há na medida das suas qualidades intrinsecas, que conservam uma intima relação com os seus efeitos exteriores, se é certo que a capacidade d'emover resulta da capacidade de sentir e que a arte cria sympathia na medida em que resulta d'ella.

Mas consideremos a obra d'arte de mais perto e vejamos o que de social póde apresentar no seu objecto, se ainda sob esse ponto de vista ella o não é necessariamente.

E antes de mais nada consideremos que, restringindo o seu campo visual como na arte psicológica, ou alargando-o como na arte cósmica, descendo ao infinito do Espirito ou subindo ao infinito da Vida, descobrindo a alma do Mundo ou penetrando o mundo da Alma, a arte não deixa por isso de ser propriamente social no seu objecto.

Efectivamente, social não é apenas o que se refere á sociedade humana; antes é mais social aquéla obra que testemunhar uma solidariedade mais universal e ponha em si maior expressão de vida cósmica e um sentido mais fraternal da natureza. Assim, o nosso Jayme Cortesão — que na *Morte da Aguia* se nos revelou como um poeta cheio de fôgo e de vida interior — é um poeta social eminentissimo — não fôsse elle no mesmo passo uma alma cheia de resonâncias, prompta a vibrar á menor solicitação ambiente, Praia de emotividade humana onde a onda longinqua vem repercutir-se no mysterio ondeante das Marés.

O artista cósmico eleva-nos á solidariedade de todas as almas, mergulhando-nos na primitiva fraternidade de todas as coisas, elle o Irmão por essencia de tudo o que é e de tudo o que tende a sêr. Elle nos desprende da prisão humana em que estavamos encerrados para, libertados pelo seu vôo olympico, pairarmos com elle, explendorosamente, nas regiões da Unidade inefavel.

Pelo seu lado, o artista psichólogo é menos original pelo que se passa na sua vida interior do que por aquilo que nella sabe descobrir. E' mais individual na descripção das emoções do que na própria capacidade de as experimentar. Elle nos revéla, com a sua alma, as almas de todos nós, e nas expressões da sua Dôr sente-se a humanidade inteira que se estorce. O mundo confessa-se pela sua bôca. E assim aprendemos a conhecermonos a nós mesmos por intermédio dos outros.

E olhando ainda de mais perto, reconheceremos que toda a arte de costumes é uma arte social, e que não é preciso que ella nos apresente massas operárias em movimento, como em Rosny, ou quadros da vida rústica e trabalhadora, como em Zola, para que como tal deva ser considerada. Foi Dumas Filho quem creou o theatro social? E o que é *l'Avare* de Molière? O que é *Tartufo?* O que são *Les femmes sevantes?*

Assim, é difícil encontrar uma obra d'arte verdadeiramente superior que de alguma maneira não seja social no seu objecto, não sendo menos certo comtudo que há obras que sob este ponto de vista merecem *especialmente* essa designação. Ningem se lembraria de dizer, por exemplo, que a poesia do sr. Edmond Rostand ou a musica do sr. Mascagni são arte social.

Portanto, podemos concluir que, se nem sempre a arte se póde dizer social no seu assumpto, é-o sempre muito mais do que á primeira vista nos parece, pela porção de universalidade que contém: arte sociologica, arte de costumes, arte psichologica, arte cósmica, tudo é arte social no intimo do seu objecto.

IV

E' em relação aos intuitos que nos parece sêr dirigida a consulta de Veraharen. *A arte é social? se o não é necessariamente, sob determinados aspeetos, póde e deve ter um intuito social?* Eis em que termos deveria, segundo nos parece, ter sido formulada a pergunta do ilustre poeta belga.

Que a arte póde ter um intuito social, e um intuito social *produtôr*, isto é, que cumpra as suas promessas, nada mais banal. E se a obra d'arte tem efeitos sociaes, e os tem necessariamente, desde que realise qualquer gráu de belleza, nada mais natural nos parece *à priori* que o artista pretenda que esses effeitos sociaes sejam de certa natureza, no sentido do ideal que elle, como homem de espiritualidade, concebe e acarinha no intimo do seu coração.

Se a arte fôsse absolutamente estranha á sociabilidade, se ella creando o Bello das suas entranhas não determinasse *ipso facto* no espirito dos

Os Colaboradores d'A ÁGUIA

Augusto Casemiro

(Desenho de Jaime Cortesão.)

homens certas tendencias a accentuar-se, certas outras a desaparecerem, evidentemente que a arte não teria de entrar em consideração com outro qualquer imperativo que não fôsse o imperativo do Bello.

Mas não se dá isso, como vimos. Nenhuma obra d'arte superior é indiferente no sentido de mais ou de menos sociabilidade, de maior ou menor moralidade. Toda a obra d'arte augmenta ou deprime a pessôa moral.

E neste criterio, ainda indiferente seria todo o intuito extra-esthético ao que canta o universo na Côr ou na Harmonia se o artista, pelo facto de ser dotado d'uma intuição genial ou d'um maravilhoso talento, se escusasse das qualidades superiores do seu tempo e podesse viver sem regra moral nem aspiração profunda — só porque tem mais valôr do que todos os outros homens.

Mas seria paradoxal, exigir-se uma consciencia menos pura e um caracter menos levantado exactamente áqueles que, pela sua superioridade psichica, teem pelo contrário o dever de ilustrar a vida com novas vidas mais altas e de subir pelos seus dotes excepcionaes a fórmas mais levantadas do Amôr. A capacidade artistica augmenta-lhes, pelo contrario, o peso das suas responsabilidades moraes na medida mesmo d'essa capacidade, longe de as diminuir ou de as anular.

E', pois, condição essencial, não

MELODIA NOCTURNA

Podessem minhas lágrimas caindo
Quando a minha Alma no silêncio chora
E emquanto, meu Amôr, estás dormindo,
Dar-te um bom sonho pela noite-fóra:

Podesse eu ir chorando e tu sorrindo,
Toda a noite eu chorava até á hora,
Em que, o exausto corpo descaindo,
Meu rôsto desmaiasse á luz da Aurora.

Secara entam as lágrimas... só quando
Se apagam as estrellas moribundas,
A voz dos rouxinois vai desmaiando.

— Já o nocturno encanto se desfez —
E as almas silenciosas e profundas
Voltam à melindrosa timidêz.

S. João do Campo.

O TEU BERÇO

Bem como a ave que entrelaça o ninho
Este meu coração puz-me a ajeita-lo
E á fôrça de disvelos e carinho
Fiz um berço tam bom, que é um regalo...

Depois fui lá deitar-te com geitinho
E todo o dia e toda a noite o embalo
E o berço bate, bate... de mansinho...
Que eu puz a vida toda em abana-lo.

Anda... socega... dorme um lindo sôno.
Que nunca a Dôr da Vida te desperte.
Que nunca o berço fique ao abandono:

Meu coração fonte de Vida e Arte,
Se sente, canta só p'ra adormecer-te;
Se pulsa, abana só para embalar-te.

para obedecer ao imperativo do Bello, mas para satisfazer o homem todo inteiro, pelo menos não proceder com intuitos anti-sociaes ou immoraes.

Mas até que ponto a arte se prejudica, penetrando-se de intuitos moraes ou sociaes? E, se tal não acontece necessariamente, que condições se devem pr[illegible] condições [illegible] produzir para que ella não perca em belleza o que adquiriu em moralidade? Se o supremo valôr, o valôr *sui generis* da obra d'arte reside na maior ou menor porção de Belleza que realiza, póde-se admitir a penetração d'um elemento estranho — isto é, d'um elemento que desvalorise a obra d'arte com obra d'arte?

Póde-se efectivamente objectar que o artista, querendo fazer obra esthética e obra humana, não faça afinal a sua obra nem tão sublimemente esthética nem tão generosamente humana como a faria sem a juncção dos dois intuitos. Ficaria pois o homem diminuido como artista e como apóstolo, o que seria um prejuizo duplo.

A questão é muito discutivel.

Emquanto a não olhamos bem de frente, pensemos:

Courbet perdeu elle alguma coisa, porque fez «pintura socialista?» Em que é que o genio de Hugo diminuiu, só porque o Segundo Imperio fez da sua alma uma torrente de raios — os *Châtiments*, e a visão larga da epopeia humana lhe fez evocar a *Légende des siècles?* Em que é que Zola fez obra inferior, porque no *Germinal* se fez apóstolo? e em que desmereceu Tolstoi, porque se fez moralista na *Resurreição?*

Não é pelo contrario nas reivindicações novas, nas novas lutas, nos novos esforços que o Homem faz para libertar o Homem, que se bebe a mais larga e mais profunda inspiração — e com ella uma das mais prometedoras condições do exito da Arte?

Em que é que um romance de revolução social séca a inspiração d'um artista? Como é que a Belleza será prejudicada só porque ao lado da inspiração esthética, passará um sôpro de bondade suprema? Se há alguma coisa de superiormente bom no bello, não há por seu lado alguma coisa de intimamente bello na bondade? A linguagem popular antecipou-se á metafisica dos filosofos para aprehender intuitivamente essa misteriosa relação. Diz-se: uma *bella acção,* e hôje é vulgar exprimir-se: *um bello gesto,* o que põe d'algum modo a actividade moral no theatro da esthética — dando ás coisas bôas a perfeição artistica das coisas bellas...

E agora entremos de frente no assumpto.

Dar á obra d'arte um intuito social é fazê-la inserir á vida por um maior número de pontos, augmentar a sua superficie de acção, intensificar a sua resonancia nas almas, saturá-la de sympathia larga e de interesse vivo, fazê-la obra universal, obra toda perfeita, obra toda poderosa...

A obra d'arte é então como uma arvore robusta, que longe de beber a agua por uma radicula apenas, se prende á terra por mil raizes ávidas de succo.

Tudo o que é humano vale na medida em que satisfaz maior porção do homem.

A maior obra d'arte será pois aquéla que obedeça a tudo quanto no homem ordena a tudo quanto nelle tende

para o melhor — aquéla que, seduzindo pela fórma e sugestionando pelo rhitmo, exprima o desejo d'uma vida grande e d'uma vida creadora, vida de pensamento elevado e de emoção feminina e de acção generosa, vida que dê e que receba, que seja a do mais *creado* e a do mais *creador*, vida que tenha de Apollo, e de Dionysos, e de Jesus — olympica, fervorosa, enthusiasta, séria, profunda, grave.

Porque, se os prejuizos correntemente aceites põem de alguma fórma o intuito esthético como adverso do intuito moral, para uma visão mais intima da realidade, esthetismo e moralismo são irmãos e não inimigos. Será moral, não será moral senão o que augmentar o individuo em todas as suas fórmas — no seu ideal de bondade e no seu instincto de belleza, na saude do seu corpo e na energia da sua vontade. A Arte, sugerindo o enthusiasmo, despertando todas as fibras intimas, fazendo irromper todas as caudaes interiores, fazendo vibrar dentro de nós todas as cordas promptas a vibrar, moralisa neste sentido — enche a vida de enthusiasmo e de frescura. E eu não conheço vida mais immoral que aquéla que se não surprehende.

Assim, se a arte nada perde em contribuir para a moral, a moral tambem nada perde em ser expressa por ella.

Que melhor instrumento do que a arte para pôr as almas ao unisono da vida moral? Todo o ensino moral verdadeiramente eficaz é um ensino d'alguma fórma artistico. Penetra-se na Bondade pela Belleza. Foi nas fórmas do Bello que eu aprendi a ter desejos do Bem, d'um Bem melhor que todos os bens, — da generosidade mais fecunda, da ternura mais commovida, do interesse mais fraterno e mais universal...

Quem melhor do que o artista póde e deve ensinar a piedade dos fortes?

Elle diz, em palavras riquissimas de sentido ou em rhitmos musicaes, o que nós, na nossa linguagem imperfeita, mal podemos balbuciar. Quantas vezes, depois d'uma noite *única* de amôres ou d'uma scena de commoção singular, nós não achamos que as palavras com que as tentamos reproduzir, trahem a realidade na sua pureza absoluta, banalizam o que é sublime, empalidécem o que ao fôgo foi creado, prostituem aquillo que se gerou na santidade... E quantas vezes não comprehendemos que só pondo em música os nossos sentimentos, os não poderiamos banalizar, os não poderiamos prostituir...

Os olhos e o Céu

Da influencia do céu esplendoroso
Na primeira sensivel creatura,
Amanheceu aquelle olhar saudoso
Que no Infinito, a eterna Luz procura!

O espaço, ou haja sol ou noite escura,
Transmigrou para um sêr mysterioso;
N'uns olhos se mudou a sua altura
E seu fecundo dia luminoso.

Por isso, uns olhos são a Imensidade
Que vê a sua propria claridade
E se sente infinita e se conhece...

São a luz da alvorada e a do sol-pôr;
São a esperança, a dôr, o eterno amor;
São a Estrella que chora e se enternece.

1902.

Teixeira de Pascoaes

Dizemos: *chora-se*, e as lagrimas dos que soffrem não nos queimam a alma; *soffre-se*, e o coração fica indiferente, como a uma palavra banal, comentário sêco d'uma crise já por si banal; *morre-se de dôr*, e o nosso mundo interior fica tranquilo, sem catástrofes psichológicas, como se não se tratasse d'uma calamidade. Mas o artista não diz apenas palavras; pelo menos não é bem nellas, mas no que está atrás d'ellas e entre ellas mesmo que nós descobrimos o mistério da Vida, e fazemos á custa do próprio coração a experiencia piedosa da dôr que vae dilacerando os outros corações. Sentimos na obra d'arte que desvenda a Vida, mais que uma *constatação* (tal como no-la dá a Sciencia pelas palavras e pelas fórmulas), mas a legitima *experiencia*, no sentido do verbo inglês *to experience* — a dôr despida da palavra, as entranhas dos soffrimentos e a interioridade aflita dos desmaios.

E esta influencia benéfica d'um intuito moral ou social, valorizador da arte, terá um aspecto duplo: actuará sobre a *creação esthética*, reforçando a inspiração; influirá na *transmissão* artistica, intensificando a sympathia da obra; augmentará no artista o poder da creação, a sensibilidade esthética, e no público a repercursão emotiva, o efeito *sui generis* da obra d'arte.

Então a moral só tem a ganhar porque se tornará mais sugestiva lição, e a arte nada tem a perder, porque se tornará obra mais creadora.

Uma única condição é necessária para que nada se sacrifique, nem o desejo de perfeição moral, nem a sêde de perfeição artistica. E' que o artista não faça um dos sentimentos exterior ao outro; que proceda como vibrando sob um único impulso; que o artista maravilhoso se confunda tanto com o homem de coração que nelle se fórme uma nova creatura espiritual, *única*, d'uma espiritualidade mais alta. E' preciso fundir num só, entrepenetrar tão intimamente os dois sentidos, o da perfeição e o da bondade, como dois gametas sexuaes na creação d'aquêle que vae ser. E' preciso, não

aplicar o ouvido a duas conchas diversas, d'onde saia o ruido imperativo, como alguma coisa que freme fóra de nós, no espaço, e não no intimo de nós mesmos; mas escutar a moralidade e a belleza na sua conjugada voz interior. D'aqui a supressão de todo o elemento intelectual, de toda a ideia pura que não traga comsigo vibração. No defeito correspondente cahem por vezes os grandes espiritos — Tolstoi na *Anna Karenina*, e Teixeira de Pascoaes, esse imperfeito grande artista.

Dadas estas condições, a Luz se fará — o Bello e o Bem serão creados no universo da obra d'arte.

Concluiremos pois:

Nada obriga a que a arte se inspire d'um intuito social. A missão da obra d'arte é emover pela Belleza, e fazendo-o já satisfaz. Por vêzes mesmo é bom que ella esqueça todas as preocupações e se dê ao labôr desinteressado de crear para si propria — como é bom que de vez em quando a água se fórme pura, pura de toda a mineralisação, nalgum canto ignorado da Terra. Mas quasi sempre ganha em se inspirar d'um alto intuito humano — porque augmenta então em profundeza o seu omnipotente encanto — porque não satisfaz então apenas o nosso instinto originario de Belleza, mas congraça todas as aspirações, todos os desejos, todos os instinctos na integridade da alma humana.

E são assim, na verdade, todas as obras de perfeição eterna.

CARTA DA PRAIA

> O povo ejípcio dava à Arte a forma duma mulher.
>
> JOHN RUSKIN.

Agora o sol ficsou o disco na concha azul e polvilha o mar num deslumbramento de luz; e extasiado ante o triunfo desse eroi antigo, penso em ti — ó minha frájil aste.

Esta noite passada o sol deixou a praia com saudades. Vestiu-se com o seu mais rico pluvial, como se fôsse celebrar missa solene; todo o céu ficou cheio da mesma conjestão da côr que radiava estrias roxas sôbre o mar dormente. O sol enterrou-se na água até ao meio; depois, como se não quisesse travar até ao fim a amargura do adeus, escondeu-se atrás duma nuvem que recortou no poente um castelo de lenda. O crepúsculo caiu abruptamente da cidade; e o mar começou a cantar aos pequenos da praia, deslumbradinhos da festa do céu sôbre o regaço das amas, essa toada para embalar crianças.

Mas oje, mal o sol deu o primeiro abraço ao mar, jorrando um leque de luz pelas águas fora, o mar entrou a brincar como um pequenito que brincasse na areia com as conchas e os búzios. Parece que as ondas andam a fujir umas atrás das outras, como náiades lijeiras que os silfos não conseguem alcançar; e riem depois — as ondas — quando se quebram na praia, e quebram o seu encantamento e a sua figura em espuma branca de neve. E de novo, lá de lonje, dêsse navio que no horizonte traça um risco de lápis com o fumo que vai deixando, as ondas começam a perseguir as outras ondas até à praia.

Toda esta manhã, desde que aqui me vim sentar, o mar tem estado uma criança travêssa. Olha: ¿nem parece o mar dos naufrájios e do Adamastor; como êsses velhos bons que quando abrem a boca, onde dois dentes arregaçam os beiços, teem um sorriso límpido de criança, o mar tem oje uma côr de riso, e baloiça as ondas infantilmente, a fazê-las florir na praia em espuma breve.

Quando chegaste, e eu distingui entre todas o frájil caule do teu corpo, tam frájil que a varinha da brisa parecia cortá-lo ao meio, — as águas não confundiam o seu rumor com o rumor das barracas, ficavam-se em baixo saltando com os que entravam no banho; e o mar, mal percebeu as conchas das tuas unhas brincando com a areia, correu ao teu encontro numa onda de mais força, com pressa de te beijar os pés. Olha como êle parece desfazer-se em espuma, sob o prazer antegosado de te beijar e envolver! São ondas que crescem, que vêem de lonje apressadas, cavalgando as outras ondas, e que ao pé de ti são rosas brancas a envolver-te e a seduzir-te. Endoideceu de todo o mar, só de te ver; e fica-se na areia, a demorar a carícia, baboso de espuma, baboso — o velho mar dos erois, — o velho mar das tormentas...

Se os teus pés mergulhassem — ó meu Amor — na superfície dum lago, ampulheta do tempo onde o tempo melancólicamente se esquece de si, acordariam o siléncio da água, que envolveria o teu corpo de pequenos círculos, alargando-se e perdendo-se na superfície igual, como se fôras um estranho a perturbar o socêgo dos juncos e das sombras e a lisura da água. Mas oje, mal entraste no mar, — velho de barbas brancas que em cada dia remóça — êle envolveu-te toda, cerrou-te toda de ondazinhas lijeiras, cheio de gula, como quem saboreia um fruto novo e raro.

Cautela, ó meu Amor: emquanto sacodes do teu rosto as gotas de água e de diamantes com que o mar te fez um colar de noiva, emquanto as tuas mãos se apoiam a brincar nas ondas travêssas, o mar será uma criança esquecida a brincar contigo, a construir contigo um brando sonho de amor. Cautela! o mar é vingativo; e esse líquido coração de menino cheio de mimo, se não acedes aos seus carinhos, será fonte de ódios, fervendo em cachão, quebrando-se em fúria, na fúria brava das ondas bravas. Repara no amor com que te envolve, no carinho com que te abraça e com que a água se esgueira por debaixo dos teus braços; e tem por êsse coração profundo, que devora navios e traz fortunas á praia, o amorável carinho que uma rapariga de quinze anos tem por um velho que se apaixona por ela.

Agora, que te sacodes toda, ao sair do banho, o mar tem um soluço maior que engole ondas na distáncia; e mal te viu comigo, furioso de cólera e ciúme, ergueu-se convulsionado e atirou-se cego de raiva, areia fora, até á barraca em que estamos. Rimos ambos do velho, das suas barbas brancas desfiadas pela areia. Pobres dos navios que a esta ora cortam o orizonte: sôbre êles irá cair o seu ódio de escarnecido. A graça do teu corpo airoso e frájil vai gerar no mar alto naufrájios de vingança.

O' meu Amor: sê carinhosa... Sê carinhosa... Olha como êsse velho de dentes de aço se prendeu todo de ti — que és asa branda de andorinha. Sei eu lá porque te amei, e em ti, que és frájil e pequena, vejo êste imenso sonho de arte, indefinido e insatisfeito!... Porque para ti, urna de cristal feita do sôpro de duas colinas, eu ergo a minha vida, numa ascensão contínua que nunca alcança a cumiada!...

E' a transparéncia do teu olhar que eu vejo agora nessa nuvem transparente que coalhou de leite o azul do céu; a brandura do teu gesto que eu revejo na quilha leve dum barco que corta a esteira do mar, vincada a traços de sol; e amo-te — ó meu Amor — porque amo o abraço das gaivotas seduzindo o mar, que se contorce em espuma, ciumento do ar que as suas asas cortam.

Sei eu lá mesmo se tu existes!... Se quando vejo o mecher das tuas pál-

pebras e o crepúsculo que eu evoco, envolvendo a luz, ou é o próprio crepúsculo que eu vejo, amortecendo as coisas, amortalhando o dia, alijeirando a terra... Sei eu bem se o ruído dos teus passos é o ritmo das coisas, gerando a música no silêncio maternal do vago... Se as tuas falas são alegrias da natureza, risos cantantes da paisajem; se as tuas mãos, a dizer-me adeus, são os lenços verdes que me estendem os choupos, que me estendem os braços verdes das arvores, nesse adeus mais alto que só os seus ramos abranjem; se a doçura da tua curva, que me enfeitiça, é a curva das colinas...

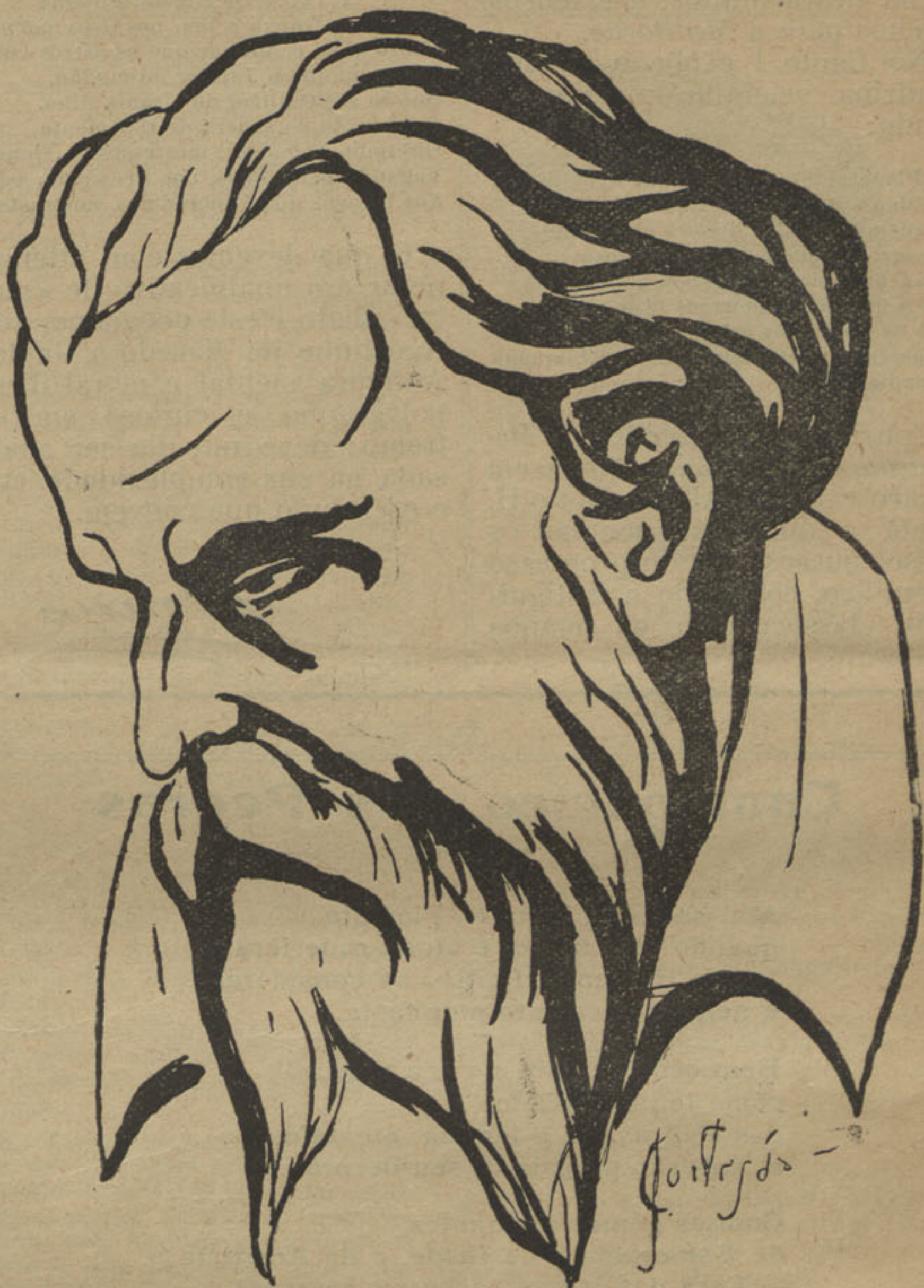
Porque te julgo a própria vida é que eu te dei a minha vida, ás cegas, sem te ver, como um cego que presente o sol coalhado num campo de verde e malmequeres e não consegue vê-lo. Mas núvem, asa de ave, ramo de árvore, flor de montanha, contigo o meu sonho corre, voa, toca os mais altos cumes, e, irmão das águias, vai construir o seu ninho onde, só chegam as águias reais.

Que me importa que tu existas, se tu és para mim um sonho que nunca será realidade! Embalde eu correrei o mundo, embalde pedirei ás pedras dos monumentos que me ergam para ver o que procuro, embalde os apóstolos da terra me ão de falar na verdade eterna: essa flor que eu procuro e que eu sonhei não viverá nas altas cumiadas onde vivem as neves e onde a mão do omem chega, nem nos recantos tranqùilos e desertos onde o omem a poderá colher. Embora: atrás do meu sonho eu sigo sempre, com um clarão de fé em cada palavra, vendo uma aurora em cada aspecto novo que meus olhos abranjam.

Pelo meu amor, pelo teu amor, meus passos se alevantam e a minha vista é mais larga; — e em ti, que és frájil e pequenina, vejo este imenso sonho de Arte, indefinido e insatisfeito.

Figueira, 910.

Galileu em Portugal

E' um estudo (e interessantissimo) para fazer; mas, pelo momento, como está seja uma revista peculiarmente litteraria, limitar-me-hei a registrar as lembranças do grande nôme em

GALILEU — Falecido em 9-1-1642 (Desenho de Jaime Cortesão.)

obras poeticas da nossa litteratura.

E ainda aqui (pelo contradictorio caracter absolutista e intolerante da sua propaganda politica) me reduzirei á personalidade suggestiva do padre José Agostinho de Macedo.

O seu poema epico *Viagem extatica ao templo da Sabedoria*, postoque o auctor se guarde bem de o confessar, na sua advertencia preliminar (como o observa Innocencio), não é mais do que o *Newton* refundido, e consideravelmente engrossado com longas tiradas de versos.

Ora, no Canto II, a José Agostinho de Macedo se lhe

... amostra Galileo, dos Astros
O novo Cidadão tem curva a fronte,
Nas descarnadas mãos tem vís cadêas;
Cinge-lhe Jove na enrugada testa
As, que elle achára, lucidas Estrellas.
Mais larga, e mais segura a estrada bate;
Nova luz dêo á Fysica, e sobindo
De Ceos em Ceos, expoz d'Astronomia
Não sabidos incognitos arcanos;
Com seu exemplo mostra, e nos descobre
Que o melhor era ignoto, e que podêmos
Com porfiado estudo d'entre as sombras
Da magestosa Natureza hum dia,
Despedaçado o véo, á luz traze-lo,
(Elle o caminho mostra, e o vai trilhando)
E assim tocarmos da verdade o termo.
Soube crear rivaes, mas ajuda-los
Com sublimes lições, com luz immensa.

E no poema á gloria do mathematico inglez directamente consagrado, José Agostinho de Macedo chama-lhe:

... muito a Galilêo deveste, ó Newton!

Quanto ao poema, em seis cantos, *A Natureza*, obra era ella composta de muitos annos (pelo menos, consoante Innocencio o frisa, já o estava no de 1806) e que José Agostinho não pretendia publicar, visto que

d'ella tirara muitos, e extensos, trechos para a *Meditação*.

No Canto I expõe o poeta a doutrina scientifica, assim dizendo:

Do Planetar Systema em que existimos
Se julga o Sol luzente immobil centro
Depois que Galileo dissera ao Mundo
Os segredos que á sabia Natureza
Arrancára rompendo a Sombra espessa
Que a mente dos mortaes té li cobríra,
E se os profundos calculos não mentem
Do assombroso Britano, que aos Planetas
(Ousadia sublime!) as Leis promulga.

Consideraremos, emfim, a *Meditação*, «poema philosophico em quatro cantos». Ahi no Canto II, tracta o auctor de marcar os passos successivos do progresso scientifico, cotejando a antiguidade classica com os tempos modernos.

.... De Grecia, e Roma
Foi muito frouxa a luz, nos Ceos não pôde
Tanto além caminhar que os astros visse,
Que o luminoso Jupiter circundão,
Que tu só, Galilêo, de Urania filho,
Tu, brazão do saber; de ti sómente
Discipulo immortal, mostraste ao Mundo,
Vagando pelos Ceos, nos Ceos mais astros
Aos homens quasi incredulos mostraste.

O que devemos com attenção notar é o qualificativo de «martyr» dado n'este poema por José Agostinho de Macedo a Galileu. A figura mental e moral d'este polygrapho é curiosa em extremo; deve um dia ser analysada na sua complexidade, com o escrupulo que convem.

Cancioneiro das Pedras

(ESCERTO)

Mal saído da lúgubre Floresta
quando sem nome, e ainda rude féra,
logo o Homem primitivo as considéra
e nelas seu talento manifesta.

Bem cêdo se revê no seu tesouro
como fonte do Belo:
das Pedras faz a lamina, o cútélo,
e, soberbo de gala, o seu decôro.

Com as gêmas brilhantes
de Esmeralda e de Jaspe, e de Ametista,
— Féra das tribus bárbaras, errantes, —
sentiu-se Ilustre, concebeu-se Artista.

* * *

E hoje, ainda, o seu brilho se deseja;
com ele ha quem se mostre muito mais...
— Linda Mulher que meu olhar corteja
com seu colar de Pedras desleaes...

Petrógrafo sabido, não me contes
que as Pedras-preciosas, as mais delas,
num côrpo de Mulher, sendo tam belas,
— sam destróços reaes de Mastodontes!

Consente que me iluda, sim, consente
que poise meu olhar nos seus aneis
e os beije com Amôr; e nobremente,

tomado de belesa altiva e rara,
— ame o brilho soléne, a carne avara
— do seu Cólo aos seus dêdos infieis!..

Coimbra, 10.

Breves consideraçõis sôbre a formação dalguns derivados pátrios

Parece-me já tarde para remediar ou emendar, tam inveterado está o abuso; mas... que não passe sem o meu protesto, aliás tam inofensivo como improfícuo.

Direi da minha justiça.

Todos os que sam, pelo menos medianamente, instruídos conhecem o adjectivo alatinado *portugalense* (de *Portucale*), donde se formou, evolutivamente e segundo as nossas leis fonéticas, o vocábulo *português*, que ainda ninguém, felizmente, se lembrou de pronunciar — *portuguense*.

Sabe-se também que todos dizem *flaviense* (natural de Chaves) e não *chavense*; *egitanense* ou *egitaniense* e não *idanhense*; *bracarense* e não *braguense* (que pode ser *braguês*); *conimbricense* (ou melhor — *conimbrigense*) e não *coimbrense*; *vimaranense* (melhor que *vimarense*) ou popular *vimarês*, e não *guimarense*; *tarauquense* e não *tarouquense*; etc.; adjectivos todos eles derivados dos radicais latinos (principalmente latim vulgar da Lusitánia) — *Flaviæ* (Aquæ), *Bracara, Conimbriga, Vimaranes, Tarauca*.

Semelhantemente se diz *santarenense* (de *Sanctaeirene* ou *Sanctirene*) e não *satarense*. *Visiense* ou *viseense*, *eborense* e *penafidelense* sam corrêntes.

Também eruditamente se dizia *olisiponense* (de *Olisipona*); mas depois, não sei quem, formou o vocábulo *lisbonense*, híbrido ou espúrio como tantos outros, meio portuguezes meio alatinados, a que o povo, mais correctamenta, contrapõi — *lisboeta*.

Ora o lat. *comite* deu evolutivamente, em português, o vocábulo *conde*. Parecia-me, pois, que em vez de *villacondense* deveríamos dizer — *villacomitense*; e que, dum modo geral, na formação de tais adjectivos se deveria respeitar a derivação clássica e tradicional, segundo o verdadeiro radical latino, quando êle fôsse conhecido. Assim, diríamos também *villaregalense* e não *villarealense*.

Quem se atreveria, porém, com ánimo impávido, e sem receio de ser escarnecido, a dizer: *ancianense* (de *Antiana* — Ançã) em vez de *ançanense*? *alavariense* (de *Alavariu* — Aveiro) em vez de *àveirense*? *aracetense* (de *Araceti*, do lat. *erice*) em vez de *arazedense*? *ficariense* (de *Ficaria*) em vez de *figueirense*? *talabariense* (de *Talabariu* — Tàveiro) em vez de *taveirense*? etc., etc.

Ninguém, por certo; mas por vergonha e... em respeito à rotina.

E verdade, verdade: quem cometesse a heroica empresa de decretar — *cantonietense, fenunculense, materiense*, etc., em vez de *cantanhedense, funchalense, madeirense*, o menos que lhe aconteceria era ser apedrejado.

Nem ao menos aconselhá-lo.

Nem eu, que tenho amor à pele; e teria de ir ao Rio de Janeiro pedir auxílio aos *fluminenses*...

13-12-910.

A. A. Cortesão

A Musica christã

«A Egreja é o typo perfeito da sociedade caracterisada pela *unidade moral*; e é de notar que, desde que ahi se forme um ajuntamento de pessoas, surge fatalmente o canto». (ANT. ARROYO—*O canto coral e a sua funcção social*.)

O paganismo estaciona momentaneamente sustado pelo christianismo. Ha como que uma revolução espiritual a destruir, num embate á primeira vista decisivo, essa antiguidade classica que divinisou plasticamente o homem, anthropomorphisando o *ethos* do mundo nos marmores olympicos, creando tambem um culto todo impregnado de naturalismo, uma concepção maravilhosa do Universo, como que um pantheismo idealista a nimbar sempre os templos dos heroes. E assim a religião christã teve de lutar durante muito tempo, catechisando e attrahindo novos adeptos, evangelisando sempre a doutrina que Christo lhe legára, numa confiança cega de mystico e de santo. Deus foi elevado acima do homem, espiritualisou-se, surgindo a distincção da creatura e do Creador. O mundo era a obra desse artista supremo, saudado pelas almas simples que cantavam a belleza das flores e o brilho do sol a fecundar a terra:

Laudato sia, Dio mio signore
Con tutte le tue creature.

A vida é animada constantemente por uma esperança — sacrificios, martyrios, nada são!

Tudo se esquece na resignação e no sonho — a recompensa merecedora de tudo que se soffreu na terra. Entre o infinito e a realidade sensivel vivem os primitivos ascetas, e a arte, como espelho da vida, reflectiu fielmente a oração delles. A musica christã é bem esse reflexo.

A unidade moral da Egreja assenta numa forte disciplina; o pensar de todos congrega-se na fé monotheista, na humilhação, nas lagrimas de arrependimento.... na morte a redimir a existencia.

Ainda que independente, a musica christã, adaptou a si elementos extranhos que com ella mais se coadunavam. Veremos mais tarde essas influencias, aliaz comprehensiveis, na origem e desenvolvimento das artes: a sua evolução é feita pela accumulação constante de novas perfeições. Nos tres estados estheticos comprehendidos em cada um dos systemas enunciados por Lalo *(Esthetique musicale scientifique)*, as phases evolutivas seguem aproveitando umas das outras as bases essenciaes respectivas. A' melopéa grega segue-se a melodia christã; depois a polyphonia medieval e finalmente a harmonia moderna em que a musica do futuro está sendo traçada na obra de Ricardo Strauss, auctor da *Morte e Transfiguração*.

Nada de positivo podemos apresentar sobre a primitiva musica christã: os primeiros seculos são-nos desconhecidos, e apenas conseguimos estabelecer a sua historia com o advento de dois nomes notaveis — Santo Ambrosio e o Papa Gregorio, o Grande. A sua influencia foi decisiva e os musicographos poderam ligar por este laço a musica antiga á medieval. Antes disto os canticos pouco haviam de differir dos psalmos judaicos, entoados pelos sacerdotes hebreus. Nas catacumbas a multidão dos fieis soltaria elegias tristes aos martyres, parecidas com as fórmulas gregas e hebraicas, não podendo desprender-se destas completamente.

As tonalidades orientaes haviam de predominar e com ellas rytmos novos se originariam. Emquanto o christianismo se formava no segredo dos subterraneos, nos theatros pagãos tocar-se-hia essa musica de uma sensualidade condemnada pelo anathema dos crentes. Houve a imperiosa necessidade de crear uma musica propria: o thema inicial seria o Evangelho — o unisono a symbolisar a fraternidade sonhada por Jesus.

Em Santa Cecilia, virgem e martyr, se personalisa a graça e a força; ella fica atravez dos tempos a santa votiva da musica.

Santo Ambrosio seria um compilador dessas dispersas melodias, aonde fatalmente se haviam de notar reminiscencias pagãs. Mais tarde Gregorio, o Grande, veio traduzir por uma fórma expressa o que ha muito aspiravam os subditos da Egreja. Seria um erro individualisar este genero de canto: devemos apresental-o como um facto já existente, mas que foi sanccionado na legislação gregoriana. Em dois seculos, desde Santo Ambrosio a S. Gregorio, o canto liturgico soffreu mudanças importantes. A compilação ambrosiana differe da gregoriana na existencia do rythmo. Além da systematisação melodica de Santo Ambrosio, de Paulino, de Licentius, etc., S. Gregorio estabeleceu tambem a theoria musical. Aos tons ambrosianos, denominados *authenticos*, foram acrescentados outros quatro, chamados *plagaes*. O cantochão moderno assenta nestes oito tons. O numero de lettras maiusculas do alphabeto latino, systema da escriptura musical boeciana, foi reduzido de quinze a sete.

A notação por lettras, segundo certa tradição, póde ser devida a S. Gregorio. Não se sabe, todavia é certo que entre o setimo e oitavo seculos foi completada a notação por lettras pequenas e dobradas, permittindo a representação graphica da escala musical. O *fa* seria designado pela lettra maiuscula A, o *la* pelo mesmo signal mas minusculo.

E' pelos theoricos, principalmente, que podemos reconstituir a designação das notas. A collecção gregoriana, que tomou o nome de *Antiphonario*, é hoje a base dos cantos religiosos. Veremos mais adeante como foram de novo adoptados pela Sé romana, como sendo os unicos dignos de acompanhar as cerimonias sacras.

Por agora precisemos mais os detalhes historicos. Uma escola foi instituida em Roma para o ensino das melodias contidas no Antiphonario. Deste centro artistico partiam propagandistas que pelas innumeras egrejas iam ministrar a arte gregoriana. Pouco a pouco se foi generalisando e soffrendo as influencias dos paizes aonde chegava. Varias modalidades apresenta: assim mozarabe e gallicana.

A iconologia é interessantissima. Manuscriptos ha que nos transmittem dados curiosos, donde podemos deduzir importantes conclusões: um documento de Saint-Gall, citado por Combarieu, representa num desenho simples pela sua ingenuidade primitiva, uma pomba introduzindo o bico na orelha do Papa Gregorio, o Grande, no momento em que este dita ao escriba os tons da sua melodia.

Procuremos agora caracterisar o canto — gregoriano, segundo os textos de Solesmes e da edição Vaticana, mandada organisar pela iniciativa do actual Papa, um dos grandes admiradores do cantochão.

Musica religiosa por excellencia, o *planus-cantus*, ou cantochão, é uma das manifestações mais sentidas de religiosidade. As artes plasticas não podiam representar completamente a sensibilidade christã. A architectura é um dos ramos artisticos em que o grau da objectivação da vontade é menor; a esculptura desenvolvendo o thema da belleza humana, não attingira o seu fim — os hellenos fizeram um culto do nu, imprimiram-lhe o caracter numa variedade de typos — a fórma e a curva haviam de sempre realçar. Mas bem longe estava o artista de modelar, de

Os Colaboradores d'A ÁGUIA

Afonso Duarte
(Desenho de Cervantes de Haro.)

OCEANO-AMOR

Meu Amor: — Eu estava á tua espéra...
Eras tu, meu Amor, — quem eu sonhava
Quando, sósinha e triste, preguntava
A mim propria e a Deus p'ra que nascêra...

Eras tu o meu sonho... Ah, quem me déra
Poder dizer, contar como te amava,
E a minha alma em flôr te advinhava,
— Ó meu Amor, meu Sol de Primavéra!..

— Pódes vir... Pódes vir que eu não receio
Guardar-te em minha alma e no meu seio,
Lançar-me ao vasto, ao infinito Mar!..

...Creio em ti. — Creio em Deus porque te adóro.
— Vem, meu Amor, que as lagrimas que eu chóro
— Sam um modo dif'rente de cantar!

Coimbra. *Maria de Castro.*

---

objectivar a dôr, a alegria, as emoções, numa palavra. A Rodin, esculptor francez contemporaneo, estava reservada a alta missão de realisar a aspiração grandiosa desta arte. O genio de Rodin modelou a emanação da vida. A pintura ainda não manifestava a união da belleza e do caracter. A edade que Ruskin chama do pensamento bem afastada estava ainda. O caracter e a expressão só mais tarde em Giotto. A essencia pois da alma christã sómente pela musica poderia ser exteriorisada. A musica é a imagem das ideias e a triologia da Verdade, do Bem e do Bello constitue a sua synthese. A fórma, a côr e a palavra eram interpretes menos fieis que as melodias e os accordes.

Deus, numa apparencia sensivel, apparecia na pintura e na esculptura — a musica seria o Verbo divino. De todos os ramos de arte aquelle que mais se coadunou com o *planus-cantus*, foi o da architectura romanica, allegorisação do Velho Testamento. O nosso grande critico e esthetico Antonio Arroyo, dizia ha um anno, numa erudita conferencia sobre o canto coral e a sua funcção social: «o *planus-cantus*, essa profunda e grandiosa arte, irman gemea da architectura romanica, obedece ás mesmas syro-hellenicas que caracterisam esta ultima; dir-se-ha que ambas essas artes procedem de sentimentos identicos, tão affins ellas se nos revelam nos seus symbolismos.»

Sob as abobadas romanicas existe a severidade trappista — vêm-se monges, dobrados sobre o lageado frio, entoando psalmos. Huysmans, na Cathedral, emquanto faz a apologia do estylo ogival, deprime a severidade romanica, dizendo ser este estylo o mais proprio a abrigar Jehovah, o Deus implacavel do Antigo Testamento. O romanico-ogival é mais que o primitivo a symbolisação das Escripturas.

O canto era tambem, pela sua propria natureza, mais preferivel ás sonoridades instrumentaes. O cantochão dispensava acompanhamento. Uma publicação beneditina diz-nos que elle não deve ser acompanhado — é a musica verbal propriamente dita. A phrase melodica é a phrase litteraria entoada. A palavra será o grande elemento. As clausulas das melodias gregorianas e os traços principaes da sua estructura são principalmente determinados pela natureza do texto liturgico. Combarieu acha este tão preponderante que despreza as razões artisticas. A monodonia gregoriana assenta no principio collectivo, sendo o cantochão, na opinião de alguns musicographos, a musica sociologica por excellencia. Isto é bastante discutivel. O principio da escola de Leibniz, que definia o bello a maior unidade na maior multiplicidade sensivel, será applicavel só á polyphonia? Quando os disciplos de Guyau affirmaram que a unidade e a solidariedade das partes de uma obra de arte contribuiam para considerar esta como um facto social, difficuldades e decisões se levantaram. O theorema é claro: quantas mais partes comprehende uma obra musical, tanto mais ella é sociologica. A demonstração varía segundo os auctores: para uns a unidade social está na monodonia rigorosa do côro gregoriano; para outros na diversidade e egualdade das vozes polyphonicas. Ainda para alguem a hierarchia social é retratada num canto unico com acompanhamento multiplo. Laurencie applica a *lei da divisão do trabalho*: o unisono corresponde á solidariedade homogenea mecanica, a polyphonia á solidariedade organica. Combarieu não deixou tambem de comparar. Simples metaphoras taes considerações, levando a uma ideia confusa da sociologia e da esthetica. Por uma simples questão de interesse citarei a este respeito a origem do mundo e os dias da semana, segundo Faye, o celebre auctor da theoria dos ciclones: Saturno, o primeiro accorde, dava o seu nome ao primeiro dia da semana; o Sol, base do segundo accorde, dava o seu nome ao segundo dia, etc. Képler tambem recorreu á theoria musical, relacionando os movimentos dos planetas com a escala dos tons e meios tons de uma musica celeste. Devemos comtudo dizer: a musica é o que é — se o seu caracter é social e por si, independentemente de qualquer elemento. O ligarmos a musica aos factos sociaes é tornal-a dependente delles — como diz Lalo, era transformal-a num epiphenomeno individual de um facto social. A theoria de Ricardo Wagner, considerando o povo força efficiente da obra de arte, é a que mais satisfaz, ainda que incompletamente sobre a concepção da sociologia musical. O cantochão é o producto das ideias e sentimentos da época: a egreja era não uma sociedade mas a sociedade — era a multidão unida sob uma aspiração commum — *multitudo in sacris collectus.*

Sou de opinião que a melodia gregoriana é um producto mais expontaneo que a polyphonia vocal, não sustentando tão exageradamente, como Bellaigue, que o cantochão é a verdadeira musica sociologica.

E' provavelmente na corrente grecolatina que o canto gregoriano póde ser filiado — o genero diatonico, os modos e as gammas dos hellenos. E' mesmo possivel que juntamente com o apostolado de Christo viesse a acompanhal-o o psalmo longinquo da Palestina. Os cantos orientaes tem por vezes analogias na intoação, nos modos e na phantasia. O rythmo não deixa de existir no *planus-cantus*: é natural. O caracter moral provém da sua simplicidade — os effeitos são extraordinarios. Isidoro de Sevilha escrevia: que a voz nada tenha de aspero, seja sonora, suave, liquida, e pelo timbre, como pela melodia, apropriada á santidade da religião. Entre o canto gregoriano e a musica moderna, a differença é consideravel: assim, hoje um compasso a dois tempos — duas seminimas podem dividir-se em quatro colcheias, por seu turno divisiveis em oito semi-colcheias. A divisibilidade dá á musica bastante mobilidade. O primeiro tempo do cantochão é indivisivel. «Longe de agitar a alma ou de a dividir, a arte gregoriana pacifica-a.»

Combarieu refere-se ao canto gregoriano fazendo-lhe sentir a ignorancia systematica de toda a preoccupação de arte; critica-o pela falta de intensidade sonica, pela egualdade rythmica.

A expressão não existe. Esta apre-

ciação feita pelo illustre musicographo parece-me injusta: a alma christã primitiva tem no *planus-cantus* um grande interprete. A melodia contém imperceptiveis crescendas: quanta emoção na phrase *ad te levari animam meam*, e, depois como num lance de dramatismo profundo, o choro de arrependimento — Deus meus; — as vozes numa pacificação de espirito terminam com o *in Te confido* intoado solemnemente.

Podemos dizer que a emoção da arte gregoriana é menos intensa que a alma da musica moderna, mas somos levados a vêr nella uma democratisação pelo impessoalismo que a caracterisa e o reflexo bem sincero da fé primitiva, illuminando a crença.

Coimbra, 910.

Aarão de Lacerda.

BIBLIOGRAFIA

«O Pão e as Rosas» — AFFONSO LOPES VIEIRA.

«Gil Vicente — Monólogo do Vaqueiro» — Versão do Castelhano de AFFONSO LOPES VIEIRA.

«Canções do Vento e do Sol» — AFFONSO LOPES VIEIRA.

*

«Canções do Vento e do Sol»

Eis o titulo do novo Poema de Affonso Lopes Vieira que acaba de apparecer á luz do dia. O apparecimento d'um livro d'este Poeta, é sempre um facto de grande importancia para a Litteratura Portugueza que tem, como altissimos pincaros que tocam na Eternidade o *episodio do Adamastor* de Camões, *As cartas de soror Mariana*, alguns *Sonetos* de Anthero e a *Oração á Luz*, de Junqueiro.

Lopes Vieira é inegavelmente um dos grandes e authenticos poetas contemporaneos; e a alma portugueza encontrou n'elle um dos seus mais bellos e fieis interpretes. O que ha *de alegria na nossa tristeza*, o que ha de luz na sombra espiritual da nossa alma, é o veio inedito e profundo onde este poeta vae beber para cantar.

Lêde o «Ar Livre», o «Pão e as Rosas» e as «Canções do Vento e do Sol» nascidas ha poucos dias, ainda quentes da emoção que as fundiu e moldou, e encontrareis n'esses admiraveis Poemas, uma face occulta do espirito da nossa Raça, ha tantos annos desprezado e pôsto de parte pelo espirito estrangeiro da litteratura importada. Por isso, poucos portuguezes saberão ler e sentir este Poeta, pois a maior parte da nossa gente culta ignora por completo a sua Raça, de tal fórma essa gente está adulterada pelas influencias exteriores. Os portuguezes, infelizmente, ignoram que existe uma *alma lusitana*, original e inconfundivel, promessa d'uma original civilisação.

Revelar essa alma, integrar n'ella os corpos transviados, é o que Lopes Vieira tem tentado fazer nas suas obras; Lopes Vieira e mais alguns poucos poetas, entre os quaes se destaca, tambem, gloriosamente, essa altissima figura de Poeta que se chama Antonio Correia de Oliveira!

Alma mysteriosa e profunda, onde a *ternura portugueza* subiu até ás estrellas dando-lhes nova luz, e desceu até ao coração do mundo dando-lhe novo amor.

Lopes Vieira é a luz enternecida e harmoniosa que fecunda a nossa terra! Corrêa d'Oliveira é a sombra que se illumina de lagrimas; é o soluço que bate as azas, e se ergue em canção no nosso ceu!

Estes e mais alguns Poetas, formam a primeira escola authenticamente portugueza; essencial, religiosamente portugueza. E entre esses alguns poucos Poetas destacam-se ainda duas figuras, mais novas, mas tambem de grande e verdadeiro valor: Jayme Cortezão e Augusto Casimiro.

No primeiro, revela-se o genio épico da Raça, ha o impeto heroico que alarga os horizontes e tenta escalar o ceu; no segundo, revela-se o *nosso amor*, tão largo que se estende ás cousas mais humildes, tão alto que vae em procura de Deus.

Nas almas de todos estes Poetas que citei, a alma do nosso Povo grita, murmura, reza, soluça e ri, na mais intima comunhão com a alma da Natureza! Sim, porque a alma do nosso povo, é, entre as almas dos outros povos, a que descende mais directamente da Terra e do Ceu; é a Buttere consciente e intelligente mais authentica do Universo; e por isso, tem deante de si um glorioso futuro.

Escusado é dizer que quando fallo do nosso Povo, refiro-me ás populações maritimas e serranas, porque o resto pertence a todas as nacionalidades menos á portugueza.

Brevemente escrevemos, com mais vagar, ácerca da nova escola litteraria e artistica que conta ainda um grande prosador e um grande Pintor: Leonardo Coimbra e Antonio Carneiro.

Voltando ás «Canções do Vento e do Sol», diremos ainda que o seu auctor alcançou n'este livro uma extraordinaria perfeição plastica, mas perfeição viva e comovida que recorda uma estatua que se animasse. Vêde este trecho da poesia — «As gaivotas»:

> Eu fico a vê-las,
> E meus olhos, de as verem vão partindo
> E fugindo com ellas;
> E a segui-las eu penso,
> Enquanto o olhar no azul se espraia e prega,
> Que ha uma graça, que ha um sonho
> Em tudo que flutua e que navega...

E este da «Dansa do Vento»:

> E diz ás altas ramadas:
> Bailae comigo, bailae!
> E ellas sentem-se agarradas,
> Bailam no ar desgrenhadas,
> Bailam com elle assustadas,
> Já cansadas, suspirando,
> E o vento as deixa abalando,
> — E lá vae!...

PIEDADE

A Vida é uma aparencia que vagueia
Entre visões ideais de divindade,
Sonho de Amor medindo a imensidade,
Ancia de Deus ilimitando a Ideia...

O perfume da Vida é — piedade.
E a piedade — Deus, que nela ondeia...
E vêde a terra, sob a lua cheia,
— Piedosa catedral de Claridade...

E vêde a Alma, como em si resume,
— Flôr perfeita da Vida, — o seu perfume,
— Seio origem de Deus, — todo o esplendor...

Vêde as mãos postas, com unção, resando.
Vêde os meus olhos a minha Alma, quando
Penso no meu Amor...

Coimbra.

Augusto Casimiro

E este do «Sonho»:

A tarde branda descia,
E a sombra, doce, fazia
Com mãos de cinza morna e de veludo,
O meigo, vago, imenso afago a tudo...

E ainda este do «Elogio da Neve, escripto ao Sol»:

A neve branca e sombria,
nocturnamente caindo,
soturnamente caindo,
taciturna,
noiva do aspero Norte
dama diáfana e forte,
immensa mortalha fria
aguas e terras cobrindo.

O livro é todo feito de trechos como estes, onde a emoção e a musica se casam e fundem no bronze eterno do verso.

Lopes Vieira faz-me lembrar Horacio. Como o velho poeta latino, soube extrair da musica e do rytmo, o cristal, a limpidez, o equilibrio harmonioso.

A nossa lingua e o nosso sangue descendem, em grande parte, do povo romano; e Lopes Vieira é um perfeito descendente dos poetas latinos, emquanto que Antonio Corrêa d'Oliveira é *celta*, e descende dos antigos padres druidas que celebravam seus mysteriosos ritos sagrados nas densas e nocturnas florestas virgens das nossas montanhas do norte.

O meu prazer seria fallar indefinidamente d'estes dois adoraveis poetas porque elles fortalecem a garantia da imortalidade da nossa raça — a unica que, n'estes tempos do carvão de pedra, do egoismo e da luz electrica, produz ainda grandes poetas!

Isto que para ahi fica, são palavras escriptas á pressa e desordenadamente; mas, como já disse, dentro em pouco tempo, publicarei um trabalho mais cuidado ácerca da nova escola poetica portugueza que é a mais bella e alta florescencia (e mesmo a unica) do espirito *essencialmente* naturalista e mystico do nosso admiravel Povo que assim se destaca de todos os outros povos!

Teixeira Pascoaes

*

«As três Graças» — Peça em um acto, em verso — EDMUNDO POBIS. — Lisboa — Livraria Clássica Editora — 1910.

Dêste livro pouco se póde dizer.

Poeta não é todo o que faz versos, é um lugar comum assente, que parece muito esquecido, mau grado a vulgaridade do seu assêrto. *As três Graças* não valem certamente o tempo que o autor gastou a escrevê-las, e quem sabe as coisas úteis que êle deixou de fazer por causa dos seus versos? Falhos de originalidade e de espírito, os versos que êle nos dá sucedem-se banais, sem um rasgo de inspiração que os aquente e valorize.

*

«Graves & Frivolos» — (Por assuntos de Arte) — GONZAGA DUQUE. — Lisboa — Livraria Clássica Editora — 1910.

E' uma série interessante de crónicas a que o autor coligiu neste volume. Escritas ao sabor das ocorrências emergentes e naturalmente destinadas á publicidade das gazetas, o interêsse dessas crónicas em nada diminue com o serem lidas fora da época e das circumstâncias que lhes deram origem. O autor faz desfilar deante de nossos olhos scenas, aspectos, pormenores da vida fluminense, a que êle dá relêvo e côr pela originalidade do seu dizer, pelo pitoresco do descritivo e pela perspicácia da observação e da critica. Há ainda a fixar que a maior parte das crónicas versam assuntos de arte, no que o autor encontra vasto ensejo de patentear as suas aptidões de escritor e de crítico.

Jaime Cortesão

*

«Ao esvoaçar da ideia» — CARMEN DOLORES. — Livraria Chardron, de Lello & Irmão — 1910.

Não ha dúvida de que a autora leva todo o livro, nada pequeno, a esvoaçar. E se é certo que todos os vôos largos são precedidos de tentativas desse género, igualmente é verdade que muitos escritores d'aí não passam. E' este o caso presente? Estará Carmen Dolores na corrente literária, só para justificar a última escentricidade americana de que a literatura deve tornar-se apanájio feminino? — Por certo que não. Nestas crónicas do esvoaçar da ideia passa muita frivolidade, muita impressão banal e ramalhuda, mas não lhe é estranha uma certa acuidade de observação junta a uma boa dose de delicada ironia. E já não é pouco.

*

«Peregrinações» — SOUSA BANDEIRA. — Livraria Chardron, de Lello & Irmão — 1911.

Não quiz o autor a este livro de «Peregrinações» chamar livro de viajens, se bem que em viajens hajam sido colhidas as impressões que o formam. Embora assim, ele tem de integrar-se na sempre progressiva e util espécie de tais trabalhos. Porque, nem a leveza do estilo, nem a rapidez do conceito cabem tão bem noutra forma de literatura.

E quanto ao ponto de vista da sensibilidade estética, não justifica o sr. Sousa Bandeira a «eterna fascinação da Europa». Viu com reflecção, o que lhe não permitiu se fascinasse...

*

«Conferencias» — GARCIA REDONDO. — Livraria Chardron, de Lello & Irmão — 1911.

E' certamente um escritor brilhante, o sr. Garcia Redondo. Não lhe são, porém, mui simpáticos os estudos profundos e ao de leve passa, tanto no conto, como na comédia, como na crónica, como na conferéncia ou discurso. Tem, comtudo, uma ilustração pouco vulgar e se discorre a seu modo, dizendo por exemplo que a mulher «physica, moral e intellectualmente, vale tanto como o homem», nem porisso o brilho da frase e até da ideia deixa de mostrar-se. De resto, é com sadio ar critico que o autor das «Conferencias» se apresenta a público.

Os Colaboradores d'A ÁGUIA

Veiga Simões
(Desenho de Cervantes de Haro.)

NOTAS

Miguel de Unamuno

«A Aguia» tem a honra de contar, de hoje por deante, entre os seus colaboradores, o grande escritor e Poeta hespanhol Miguel de Unamuno. E' uma das mais auténticas glórias da Hespanha e da Raça latina. O seu amôr a Portugal torna-nos esse homem ilustre duas vezes querido.

No próssimo número *«A Aguia»* publicará um novo soneto de Miguel de Unamuno dedicado a Portugal, que é uma verdadeira obra prima, como aquele que temos hoje a honra de publicar.

Dentro em breve, este celebre autor dará á luz do dia um novo livro intitulado «Por tierras de Portugal y Hespaña» que, além do valor literário, será dum grande interesse para o nosso paiz.

Inéditos

Vimos inserindo a nota de que apenas inéditos aqui se publicam. Sem desmentirmos a frase, torna-se indispensável amplia-la neste sentido: — que tambem poderão publicar-se outros trabalhos não editados ainda em Portugal ou complementos de estudos iniciados em qualquer outra revista.

*

E, a propósito, confessêmos um precalço logo de princípio sucedido: — O artigo do sr. dr. Manuel Laranjeira «Os homens superiores na selecção social» que no primeiro número e em primeiro lugar publicámos, havia já saido a público no *Norte* de 14 de junho de 1908.

Escrito á máquina como nos foi enviado, nem sequer nos lembrou que tal artigo pudesse deixar de ser inédito. Fomos, porém, iludidos, com profundo pezar o dizemos. Mas descancem os leitores, que o ludíbrio não se repetirá.

Expediente

A assinatura está já em cobrança. Lembramos a conveniéncia de ser satisfeita á primeira apresentação do respectivo recibo, para se evitar interrução na remessa da Revista.